

25 ANOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UVA – EXPERIÊNCIAS VIVIDAS: ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ OSMAR FONTELES

25 Years of the Social Sciences Program at UVA – Lived Experiences: An Interview with Professor José Osmar Fonteles

25 Años de la Carrera de Ciencias Sociales de la UVA – Experiencias Vividas: Entrevista con el Profesor José Osmar Fonteles

Data de recebimento: 05/05/2026

Data de publicação: 30/07/2026

José Osmar Fonteles¹

Marcos Paulo Campos Cavalcanti de Mello²

Resumo

O trabalho tem como conteúdo uma entrevista realizada com o Prof. Dr. José Osmar Fonteles, do curso de Ciências Sociais da UVA, no dia 03 de fevereiro de 2026, pelo Prof. Dr. Marcos Paulo Campos Cavalcanti de Mello, também docente desse curso, em que o entrevistado relata acerca dos principais momentos de sua atuação profissional junto ao curso de Ciências Sociais e à Universidade, com destaque à criação do curso, sua visão da Instituição, dos alunos e do trabalho desenvolvido, seus projetos, a extensão universitária, a carreira docente, dentre outros pontos principais.

Palavras-chaves: Curso de Ciências Sociais. Experiências Vividas. Entrevista.

Summary

This work presents an interview conducted on February 3, 2026, with Prof. Dr. José Osmar Fonteles, of the undergraduate degree programme in Social Sciences at Vale do Acaraú State University – UVA, by Prof. Dr. Marcos Paulo Campos Cavalcanti de Mello, a fellow faculty member of the same program. In the interview, the subject discusses key moments of his professional career within the Social Sciences program and the university, highlighting the program's creation, his perspectives on the university, the students, and the work undertaken, as well as his projects, university outreach activities, and his teaching career, among other major topics.

Keywords: Undergraduate degree in Social Sciences. Lived Experiences. Interview.

¹ Graduado em Estudos Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor aposentado da área de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: osmarfonteles@yahoo.com.br

² Graduado em Ciências Sociais e mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), com pós-doutorado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da área de Sociologia do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: marcos_campos@uvanet.br

Resumen

Este trabajo consiste en una entrevista realizada al profesor Dr. José Osmar Fonteles, del curso de Ciencias Sociales de la UVA, el 3 de febrero de 2026, por el profesor Dr. Marcos Paulo Campos C de Mello, también profesor de ese curso, en la que el entrevistado relata los principales momentos de su actividad profesional con el curso de Ciencias Sociales y la Universidad, destacando la creación del curso, su visión de la universidad, los estudiantes y el trabajo desarrollado, sus proyectos, la extensión universitaria, su trayectoria docente, entre otros puntos principales.

Palabras-clave: Curso de Ciências Sociais. Experiências Vividas. Entrevista.

Marcos Paulo: Começamos. Bem, professor Osmar, bom dia! Dois de janeiro de 2026. São...Onze horas da manhã. É, e eu queria a sua autorização para fazer uma entrevista e publicá-la na revista Homem, Espaço e Tempo, do nosso Centro de Ciências Humanas da UVA.

Osmar Fonteles: Perfeito, Marcos. Com prazer. Pode gravar e pode utilizar as informações à vontade.

Marcos Paulo: Ah! Hoje é dia três. Corrigindo, hoje é dia três de janeiro de 2026. Já tô meio perdido aqui no espaço-tempo. É, mas, professor, é o seguinte, nós vamos ter esse, esse número especial. E aí eu me propus a fazer essa entrevista pra que a gente possa publicar na revista, é, e a gente possa explorar um pouco o que foi a extensão no curso de Ciências Sociais ou feita por professores do curso de Ciências Sociais, né?

Osmar Fonteles: Uhum!

Marcos Paulo: Ao longo desse tempo aí de existência do curso. Mas, obviamente, eu não vou lhe perguntar só sobre isso, porque o senhor tem uma trajetória, é, maior e, enfim, que não se restringe só ao trabalho de extensão. É, então eu queria começar perguntando o seguinte: como é que o professor Osmar chegou à UVA?

Osmar Fonteles: Ótimo. Então, Marcos, como eu cheguei na UVA? Eu fui aluno da UVA, eu fui aluno do curso de Estudos Sociais. Na época não tinha Ciências Sociais, não tinha Sociologia, o que se aproximava mais do que eu queria era Estudos Sociais. Então eu fui aluno do curso de Estudos Sociais - Licenciatura Plena. Assim, eu estudava e trabalhava no MEB, no Movimento de Educação de Base, que era um movimento que trabalhava com a alfabetização de jovens e adultos. Mas mais do que isso, trabalhava também com promoção social. Promoção social, imagina você, né, na época da Ditadura. Então se fazia trabalho de politização, de consciência política. E se fazia também, porque por dentro do assistencialismo, a gente fazia política também, né? Discutia questões relacionadas a todas as áreas das políticas públicas, e tal. Então, era por aí. E depois que eu terminei o curso, a universidade entrou num processo de encampação. Encampação... Ela foi encampada pelo Estado, a universidade, tá? E aí eu já dava umas aulas, eu já tinha terminado o curso e já dava umas aulas quando era Faculdade de Filosofia. Dava umas aulas, Sociologia do Desenvolvimento, coisas assim. E aí, é, quando ela, ah, teve esse processo de passar pro Estado, o padre Walderi era o reitor à época e ele me disse: "Osmar, eu quero que você seja professor da UVA, porque nós vamos, nós vamos ser encampados pelo Estado; a UVA vai absorver os professores que já estão aqui, tá

certo? Para depois fazer a chamada de novos professores" Eu disse: "Mas eu não tô preparado pra ser professor da UVA. Eu não quero. Eu quero continuar no meu movimento, no MEB, no movimento social, na Pastoral da Juventude, do meio popular", que a gente fazia isso também, né? "Não, mas você já é professor, você vai ajudar e tal". Eu disse: "Tá, mas eu não quero. Me desculpe, agradeço". Quando o Estado encampou a UVA, meu nome apareceu como professor. Eu pensei, então, agora vou ser professor e preciso me preparar para enfrentar o desafio.

Marcos Paulo: Isso era qual ano?

Osmar Fonteles: Eu acho que foi 1984.

Marcos Paulo: O senhor entra como aluno em que ano?

Osmar Fonteles: Setenta e quatro...Rapaz, eu acho que foi setenta e nove, oitenta, por aí.

Marcos Paulo: Certo.

Osmar Fonteles: Então, eu fiz um curso de Metodologia do Ensino Superior pela UFC, fiz um curso de Gestão Universitária pela Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo, tive ótimos professores, professor Dermeval Saviani, um professor que trabalhou com planejamento estratégico. A partir daí, eu já comecei a me interessar por planejamento. E depois, em noventa e seis, é que eu fui fazer mestrado, lá na UFPB, mestrado em Sociologia, e doutorado em Educação, só agora, recentemente, na Federal de Pelotas. Então, essa foi a minha entrada na universidade. Quando eu volto da Paraíba, 1996, foi, por aí, ah, o grupo de professores do curso de Ciências Sociais já estava aqui, mas o curso não tinha sido criado. Isaurora, Nilson, eu não sei se Alencar também, já veio nesse período. Eles ficaram dando aula em outros cursos e se preparando para a criação do curso.

Marcos Paulo: Agora, professor, ainda antes de tratar desse momento aí da criação do curso, o senhor entra na UVA nos anos oitenta.

Osmar Fonteles: Nos anos oitenta.

Marcos Paulo: Os anos oitenta são anos de muitas transformações.

Osmar Fonteles: Aham.

Marcos Paulo: ...No Brasil, no Ceará

Osmar Fonteles: Sim!

Marcos Paulo: Eu queria lhe perguntar um pouco, qual era a cara da universidade, quem eram os nossos alunos. Como é que as coisas estavam naquele momento ali?

Osmar Fonteles: Ô Marcos, olha, a universidade, quando nesse período, era uma universidade, com todo respeito, né, a todo o corpo docente, inclusive eu, era um escolão, né? Não se falava em

pesquisa, não se falava em extensão, não se falava, embora se fizesse. De extensão. Pesquisa era muito raro, né? Porque nós, todos professores, quase todos os professores ou grande parte havia sido aluno da própria UVA. Eu lembro que professora Geovana foi aluna de História, depois virou professora de História. Não, não, a Geovana estudou fora. O professor Gabriel também fez Estudos Sociais e depois História, a professora Mazé Marinho. Então, estou falando mais da nossa área, mas em todos os cursos, das Ciências Contábeis, por exemplo, poucos eram os professores que tinham sido formados em outros cursos, na UFC e fora do Estado também. Mas todos tinham aquela visão do ensino. Nós não tínhamos projeto de extensão, nem projeto de pesquisa. Quando a universidade passou a ser gerida pelo Estado, entraram outros professores, tá? O professor Jeova Meireles veio pra cá, foi um dos professores, mas ficou muito pouco tempo, né? Então começou a se pensar, e nós, né, sobretudo os que absorveram e aceitaram bem a vinda dos que chegaram, né? Porque alguns também não aceitaram muito. Sabe aquela história de sentir assim: "pô, invadiram a nossa praia", entendeu? Eu não, pelo contrário, chegou gente que vai me ajudar, né, a dar um salto qualitativo e a gente transformar esse escolão aqui, repito, com todo respeito ao que a gente fez, né, numa universidade. E aí, aos poucos, vi a UVA se transformar. As áreas que a gente tinha, quais eram? Era Enfermagem, Ciências Contábeis, Tecnologia da Construção Civil, Estudos Sociais, História, Letras, Pedagogia e Ciências da Religião. Filosofia acho que não tinha ainda. E a maioria dos estudantes era de Sobral. E as turmas enormes, certo? E, e grande parte desse pessoal a-- foi absorvido pelo mercado, sobretudo os professores, né? Porque a vocação da UVA naquele momento era formação de professores. E aí, Marco, além desse programa que a gente tinha, é, no, no, no campus da universidade, a gente tinha também os cursos fora. A gente dava aula na Serra de Ibiapaba, ah, na região do Acaraú, não é? Nos finais de semana, que se chamou de cursos parcelados, que eram cursos que se fazia na época de férias. Eu me lembro, por exemplo, quando eu saí daqui, é que a gente.. eu morei aqui na Jijoca de oitenta e cinco a noventa e três, noventa e quatro. A gente veio abrir a escola em Jijoca de Jericoacoara, Escola Teixeira. Quando nós saímos daqui, as meninas que terminaram a oitava série e fizeram o Ensino Médio em Cruz foram pra Sobral e fizeram os cursos parcelados porque elas já eram professoras aqui.

Marcos Paulo: Sim, a incorporação era muito rápida.

Osmar Fonteles: Era muito rápido, então terminou o ensino médio, elas faziam, acho que elas fizeram o normal, pedagógico, que as escolas tinham, né? Então, já viraram professora, porque não tinha professor. E elas faziam os cursos parcelado. Vinha gente do Paracuru, vinha gente do Baturité, entende? Era impressionante. Nos, nos turnos, assim, na época de férias, era o período que a universidade tava cheia, porque vinha gente de vários lugares, entende? Então, muitos de nós, dávamos a nossa carga horária complementar nos cursos de férias. Por exemplo, quando eu vim pra Jijoca, em oitenta e cinco, oitenta e seis, eu já era professor da UVA. Mas aí, como eu tava aqui, eu dava aulas nas, nas férias, nos cursos parcelados. Depois se cria se criou outra modalidade de curso que, me desculpa, mas eu não sei falar sobre ele, que era o chamado Esquema. Pelo próprio nome, eu nunca aprendi muito o que que era. Mas era também cursos que dava formação às pessoas. E aí, rapaz, era, era essa a nossa universidade.

Marcos Paulo: Uma universidade para formar professores.

Osmar Fonteles: Para formar professores principalmente. Essa era a missão da universidade, era formar professores da região.

Marcos Paulo: Então, ali por noventa e seis, vocês vão decidindo essa criação do curso de Ciências Sociais?

Osmar Fonteles: Do curso de Ciências Sociais. E aí, o que nós fizemos? Como eu tinha muita integração com a sociedade, por conta dos movimentos sociais, com o MEB, com sindicatos, com as pastorais da juventude, com o CEAT, na época era o Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador. Com várias outras instituições, nós criamos um movimento chamado Debates (Im)pertinentes em Ciências Sociais. Então, esses debates, eles ocorriam com uma certa frequência, né, e cada debate tinha um tema. Nessas alturas, Nilson e Isaurora já estavam aqui. Então, o curso de Ciências Sociais, ele nasce, assim, dessa discussão com a sociedade. Então, a sociedade pautou os temas que a gente iria trabalhar no curso, sabe. Que isso é uma coisa importantíssima. E assim, é, eu não sei se a gente pode chamar isso de extensão, mas eu vou chamar. Então, é, foi um curso que teve extensão antes de começar, porque, né, a relação com a sociedade possibilitou isso. Veja, eu participei antes do curso desses movimentos, na época, nós tínhamos na universidade o NEP - Núcleo de Educação Popular. O que o NEP fazia? Formação, em várias áreas. Eu me lembro de um curso que a gente fez sobre consciência política, que a gente fez sobre psicologia, a professora Miriam Cunha coordenava o NEP. Quando o professor Benedito chegou na universidade pra ser Pró-Reitor de extensão, ele não tinha onde ficar, foi o NEP que acolheu. Eu e professora Miriam Cunha, o acolhemos na nossa sala que era grande. Então, com a chegada do Benedito, nós participamos de um programa enorme de agentes alfabetizadores do estado do Ceará. Esse programa foi coordenado pelo professor Isolda Cela, por mim, pela professora Conceição Ávila, que eu não sei se você conheceu, é do curso de Letras, e o professor Benedito na Pró-reitoria de Extensão. Tinha outras pessoas também. Então, aí, era principalmente em Sobral, tá? A gente era capacitado, capacitavam monitores que vinham das comunidades e esses monitores preparavam os alunos nas comunidades. Eles tinham uma bolsa. E os alunos participavam do processo de alfabetização. Era um programa - Agentes Alfabetizadores do Estado do Ceará. Foi um projeto muito importante que acolheu muita gente da região de Sobral, principalmente. Depois já, bem depois, aí eu já era professor do curso de Ciências Sociais, nós participamos de um outro projeto chamado, PRONERA - Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária. Eu, pelo curso de Ciências Sociais, eu nem sei se era pelo curso de Ciências Sociais. Eu participei, a professora Aldiva, do Curso de Geografia e a professora Neuma, do curso de Pedagogia. Então foi um super projeto também. Bom, aí foram vários municípios. Olha, a gente, eu não sei te dizer agora quantas turmas a gente tinha, mas foi muito tempo. A gente preparava monitores e davam um acompanhamento pedagógico e monitoramento. A gente ia visitar as escolas e tal. E desse projeto, Marcos, nasceu essa cartilha, que eu guardo até hoje, "Aprendendo, Fazendo nos Assentamentos". Então, essa cartilha, ela é feita com textos dos alunos que se alfabetizaram. Os alunos se alfabetizaram e escreveram seus próprios textos. Aqui somos nós que coordenamos. E encontramos uma pessoa que ilustrou. Ficou bem bacana, a gente fez as correções do texto. Esse projeto foi muito importante e abrangente. Potencializou a extensão na UVA.

Osmar Fonteles: Nós também fizemos um outro projeto, participamos de outro projeto, que foi Educação Ambiental no Ensino Formal. Era também um projeto de extensão. Esse também com o

Governo do Estado, através da SEMACE. A gente formava educadores ambientais em vários municípios. Eu me lembro que na Serra da Ibiapaba, por exemplo, nós trabalhamos em praticamente todos os municípios - Meruoca, Irauçuba, Itapajé, eram turmas numerosas e o projeto, eu coordenava esse projeto pela Pró-Reitoria de Extensão também. E aí, Marcos, esse projeto, ele acabava como um projeto de intervenção, sabe? Cada município, ele concluía o curso, a turma concluía o curso com um projeto a ser executado. Me lembro que Viçosa programou uma ação interessante e arrojada. Plantar um determinado número de árvores da Viçosa pro Tianguá, por ali na região. E outros queriam replicar o curso, enfim, foi uma experiência também que eu considero muito positiva. Então, como pano de fundo, eu diria, assim, é, a gente fazia todas essas ações, mas a gente tinha um referencial, não é? Que a gente trazia dos movimentos sociais. E eu também fiz um curso que eu considero muito importante, que foi um curso de História, Cultura e Patrimônio, que eu fiz em Portugal, que era um curso de extensão, que a universidade, a UVA fez uma parceria com a Universidade do Porto, lá em Portugal, e a gente foi, eu, uma turminha daqui, a professora Geovana, a turma. Então, a gente ficou, acho que vinte dias. A gente tinha um curso presencial na universidade e depois visitávamos as experiências em cada província, o que a gente teria de estado aqui, né, em cada região, na província, né? Então, chegava o pessoal, recebia a gente, visitava as igrejas, porque o patrimônio lá é muito rico, o patrimônio é muito material, pouco imaterial. Tem as feiras também, Feira de Barcelos, por exemplo, que é uma feira enorme. Então, assim. Eu tô colocando tudo isso porque as coisas, elas não são isoladas. Você consegue fazer alguma coisa porque você tem referência em outras coisas.

Marcos Paulo: Sim!

Osmar Fonteles: Tá? Então, todas essas provas de projetos, essas experiências que eu tô te falando, elas me trouxeram a vontade e a determinação de fazer extensão.

Marcos Paulo: Uhum...

Osmar Fonteles: Entende? Então, vai interferindo quando cê quiser, tá?

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: Aí eu participava de conselhos, eu era do Conselho Municipal do Turismo de Sobral. Eu fui do Conselho Estadual do Meio Ambiente – COEMA e do Conapa, o Conselho da APA da Lagoa de Jijoca. Foi criada também no começo dos anos dois mil. Eu fui do conselho do Parque Nacional. E aí, eu fiquei muito liberado da universidade pra fazer o que eu também chamo de extensão. Eu penso que o trabalho que eu fiz no Parque Nacional foi um trabalho de extensão. Estive como gestor no Parque Nacional de Jericoacoara de 2002 a 2007. Na época, eu tinha uma relação difícil com o curso porque a universidade me liberava, porque entendia que era importante, a universidade tinha uma parceria com o Governo Federal através do ICMBIO, que é uma, era uma vitrine, uma unidade de muita visibilidade.

Marcos Paulo: Sim!

Osmar Fonteles: Ter alguém da UVA lá era importante. E os nossos cursos não entendiam. Não entendia e eu dou razão, em parte, porque precisava de professor. Mas não tinha essa visão que talvez, como a própria universidade liberava, era possível se negociar outros professores. E, na época, numa determinada época, Marcos, lá no Conselho, lá no Parque Nacional, que eu fiquei lá de 2002 a 2007, nós criamos uma disciplina, na época que o Timbó era pró-reitor de graduação. A disciplina era a Gestão Ambiental. O que que ocorria? Essa disciplina era oferecida para até quinze alunos, e qualquer, qualquer curso poderia se inscrever. E essa disciplina era ministrada lá em Jericoacoara, por mim. A gente tinha essa disciplina teórica, como gestão ambiental, e eu me lembro que tinha curso, tinha aluno do curso de direito, tinha aluno da geografia, tinha aluno da administração. E como é que a gente fazia? A gente hospedava o pessoal no próprio parque, a universidade conseguia que eles fossem.

Marcos Paulo: A universidade cedia o ônibus?

Osmar Fonteles: Cedia o ônibus, conseguia que eles fossem, nós hospedava-os. Eu não me lembro se a alimentação era por conta dele, mas eu acho que era. Enfim, e a gente fazia isso, era trinta horas. A gente fazia isso num final de semana prolongado, digamos em Corpus Christi, a gente pegava quinta, sexta, sábado, domingo e dava aula manhã e à tarde. E a gente fazia em três momentos, a gente tinha uma parte teórica, que aí nós víamos a questão da gestão ambiental, políticas ambientais, e falávamos sobre a experiência do Parque Nacional de Jericoacoara. A legislação que responde o parque, as unidades de conservação de uso integral, de uso sustentável, enfim, partir do SNUC e tal. E nós tínhamos uma aula de campo. Imagina, os alunos faziam aula de campo com o técnico, que era o nosso, era o nosso fiscal, que a gente ia em todos os pontos do parque. Isso aqui é um mangue, o que que representa o mangue, isso aqui é a pedra furada, o que que é isso, as dunas, por que que elas são, enfim. Nós fizemos isso, Marcos, talvez umas quatro turmas. Aí o pessoal denunciou, não sei quem, se foram os nossos curso ou foram outros, que o pessoal tava indo pra Jericoacoara fazer passeio, fazer turismo, tá entendendo!?

Marcos Paulo: Aham!

Osmar Fonteles: E aí a disciplina foi interrompida. Olha só a mesquinhez, sabe. Você ter lugar pra fazer uma aula em campo, você ter um professor da área, que tá fazendo a gestão, sabe, e não poder continuar porque o pessoal, diziam, “veio fazer turismo”.

Marcos Paulo: E uma experiência conjunta de ensino e extensão.

Osmar Fonteles: De ensino e extensão. E a universidade toda podia participar. Tá, mas são três momentos que eu te falei, era a parte de, de, de, de referencial teórico, era a parte de campo e era uma parte final que os alunos completavam com o trabalho sobre o parque. Isso nos ajudava inclusive na nossa gestão. O que eles observaram, qual é o sentimento deles com relação ao meio ambiente, o que eles sabiam das unidades de conservação, que contribuições eles acham que poderiam dar ao parque a partir da visão deles e tal. Mas interromperam isso.

Marcos Paulo: Isso enquanto o senhor teve lá na gestão da-

Osmar Fonteles: Do parque. Mas a gente só conseguiu, eu não sei se quatro ou cinco turmas.

Marcos Paulo: Certo. Aí assim, por esse período aí, o curso já tava fazendo mais ou menos dez anos.

Osmar Fonteles: É, já estava, que era dois mil a dois mil e sete... Aliás, dois mil e três a dois mil e sete.

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: Já tava fazendo uns dez anos e tal. E depois eu vim pra Secretaria de Turismo no Município de Jijoca de Jericoacoara.

Marcos Paulo: Aqui no município de Jijoca?

Osmar Fonteles: É, que aí eu vinha, eu dava aula em Sobral e a gente estava aqui [em Jijoca] como secretário de Turismo. E a gente continuava com esses trabalhos de acompanhamento aqui. E nesse, e nesse período, eu também acabava assessorando alguma, alguns movimentos, inclusive fora do estado. O SESC me chamou uma vez pra fazer uma consultoria, não é consultoria não, fazer uma palestra lá no SESC Pompeia em São Paulo. Fui chamado também para Bertiooga (SP).

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: Sobre turismo e a relação sociedade-natureza.

Marcos Paulo: Certo.

Osmar Fonteles: E eu fui fazer, me chamaram, me pagaram muito bem, inclusive. Depois me chamaram lá pro SESC Bertiooga, eu fiquei lá também. Lá eles estavam fazendo o planejamento estratégico do município e queriam que eles chamaram um especialista em cada área e me chamaram pra ser o especialista em turismo. E a gente passou lá dois dias e fizemos esse, esse trabalho lá, né? Então, essas contribuições, repito, elas todas me ajudaram, mesmo fora do território da nossa universidade e do nosso curso, mas me ajudaram a repensar atividades que podiam ser feitas, né, e deveriam ser feitas pelo curso.

Marcos Paulo: Certo. Professor, é, aí eu acho que o senhor já tá chegando mais perto do momento em que inclusive eu lhe conheci, em que as nossas, nossas trajetórias se cruzam. Porque aí vem os anos dez. E quando eu faço o concurso aqui. Eu recebo, então, a informação de que, apenas um professor do colegiado trabalhava realmente extensão. E que esse professor era Osmar Fonteles (risos).

Osmar Fonteles: Ainda bem que reconheceram (risos).

Marcos Paulo: E aí me disseram que eu deveria ter alguma interação com o senhor em razão disso.

Osmar Fonteles: Aham.

Marcos Paulo: Até porque eu trabalhava com sociologia rural, mas houve uma demora entre a realização do concurso e a posse.

Marcos Paulo: Uhum.

Marcos Paulo: E aí eu me lembro que o senhor entrou em contato comigo primeiro até antes de eu já vir como professor.

Osmar Fonteles: Foi, foi.

Marcos Paulo: Já apresentando o núcleo. Então, eu queria que o senhor colocasse aí pra nós, esse trabalho que eu acho que foi marcante- Pois, é enraiza um laboratório, né?

Osmar Fonteles: Isso.

Marcos Paulo: Dentro do curso.

Osmar Fonteles: Ótimo, ótimo.

Marcos Paulo: É, que é o trabalho de acompanhamento dos territórios da cidadania e dos territórios rurais.

Osmar Fonteles: Muito bem.

Marcos Paulo: É, que é o trabalho do NEDET, que foi um marco na política agrária brasileira.

Osmar Fonteles: Perfeito.

Marcos Paulo: E que, nessa região, teve a UVA como a universidade central pro acompanhamento.

Osmar Fonteles: Uhum, perfeito.

Marcos Paulo: E a realização de um trabalho enorme, né? Com contratação de, de consultorias, assessorias.

Osmar Fonteles: Perfeito.

Marcos Paulo: Inclusive um território bem significativo. Esse trabalho foi coordenado pelo senhor. Queria que o senhor- Se expusesse aí bastante.

Osmar Fonteles: Tá ótimo. Vamos falar sobre isso.

Marcos Paulo: O que significou isso.

Então, é, eu considero esse, o projeto, assim, de mais fôlego mesmo, sabe? Que a gente conseguiu desenvolver na universidade, porque também foi um projeto interdisciplinar. E era um projeto interligado com a sociedade civil e política, né? Então, esse projeto, que é chamado de Projeto de Apoio à Estratégia Territorial de Desenvolvimento Sustentável, um olhar sobre a região Norte do Ceará. Então, o título do projeto já dá quase um artigo. Então foi resultante das, de uma chamada do CNPQ, do Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Secretaria de Política para as Mulheres do Governo Federal. Uma chamada, é, com os núcleos de Extensão e Desenvolvimento Territorial. E aí, nós criamos o NEDET. Porque cada Universidade deveria manter a sua estrutura para fazer a gestão do projeto. A política territorial, ela já existia. Não começou aqui. Em 2003, no começo do governo Lula, já tinha um sinal, né, de territórios da cidadania e depois também em territórios rurais, que ampliou o conceito e a atuação também, tá? Aí, Marcos, é, ele era coordenado por instituições da sociedade civil, não era pelas universidades. E o pessoal fez um estudo encomendado pelo MDA, pra ver até que ponto não seria mais produtivo e ter mais repercussão e sustentabilidade, né, também. Não só meio ambiente *stricto sensu*, pelas universidades. E aí ficou aprovado que as universidades coordenariam essa política dos Territórios da Cidadania e dos Territórios Rurais. Então, cada universidade tinha que submeter um projeto, e o projeto seria avaliado e, se aprovado seria implantado. E quando chegou na UVA, era o professor Chico Guedes, a pessoa que deveria fazer, porque até então eu não tinha nem uma entrada direta com os territórios. Meu trabalho era mais diversificado, passava por diversas áreas, né, tinha várias entradas em vários movimentos, mas não era sobre uma política específica. E o Chico Guedes disse: "Osmar, vai, ajudar, vamos fazer o projeto?". "Vamos, eu ajudo a fazer o projeto." E que ajuda foi essa, que eu fiz o projeto com apoio de assessoras de gestão territorial de Sobral, Litoral Oeste e Serra da Ibiapaba. E foi um projeto ousado. Nós poderíamos ter um território e nós tivemos quatro. O território de Sobral, que é território da cidadania, o território do Vale do Curu e Aracatiaçu, que é também território da cidadania, e dois territórios rurais, o território do Litoral Oeste, que pega essa região, e o território da Serra da Ibiapaba. Então, foram cinquenta e cinco municípios, abrangeu cinquenta e cinco municípios, o projeto, e a gente trabalhou com assim, com disposição e envolvimento atingimos mais de onze mil pessoas diretamente, através das diversas atividades que a gente fazia. E aí era representado cada território tinha um núcleo dirigente. O núcleo dirigente era composto metade sociedade civil e metade poder público, tá? Então as ações, que eram desenvolvidas, elas eram decididas no núcleo dirigente. E tinha três assessores, além da coordenação geral. Cada núcleo tinha um professor coordenador, que aí é que eu não consegui te envolver. Você tava chegando. E aí eu, tinha quatro territórios, tinha um professor coordenador. Cada professor coordenador, como o próprio nome diz, tinha o papel de coordenar o seu território com três assessores. Um assessor de inclusão produtiva, que acompanhava toda essa parte mais do rural. Um assessor de... de gestão social, que era quem fazia as articulações, que fazia o contato com o núcleo dirigente, certo? Com cada câmara técnica que existia também, e um assessor de gênero, juventude e comunidades tradicionais, né. Esse assessor de gênero e comunidades tradicionais, no projeto, ele só... era contemplado nos territórios da cidadania. Nos territórios rurais, não. Mas a gente conseguiu fazer um adendo ao nosso projeto e o CNPq aprovou que a gente deveria também ter nos territórios

rurais. E nós tivemos em todos os territórios rurais. E cada território também tinha bolsista. Cada território tinha um estudante bolsista. E os nossos, quase todos, eram do curso de Ciências Sociais ou do curso de História. E a Ana Carla, você conheceu ainda a Ana Carla?

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: A Ana Karla ficou mais tempo. E depois a gente conseguiu remanejar atividades, sabe? Não era tão fechado, né? Conseguia remanejar. Por exemplo, eu tinha um assessor para cada município, mas eu, enquanto coordenador dos quatro territórios, não tinha um assessor para mim. Entendeu? Então a gente conseguiu acrescentar mais dois assessores que faziam toda a parte técnica. De compilar relatório, e aí foi uma aprendizagem enorme para Ana Carla. Antes dela tinha outro, mas ela foi a que deu o fechamento do projeto e foi muito importante.

Marcos Paulo: E hoje é professora de sociologia nas escolas.

Osmar Fonteles: Aqui, inclusive, na Jijoca.

Marcos Paulo: É, na Jijoca.

Osmar Fonteles: Ela e o Rodrigo, que foi do curso de História. E aí, Marco, foi assim, foi uma experiência excelente, nós publicamos o livro, você sabe, né?

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: Está aqui o livro, Territórios e Territorialidades, Democratizando Saberes e Boas Práticas em Políticas Públicas. Então, o território, o livro foi escrito pelos assessores, eu apenas coordenei...

Marcos Paulo: Foi praticamente extensão e pesquisa porque deu também o livro.

Osmar Fonteles: Extensão e pesquisa. Então, o livro ele tem uma parte teórica que nós convidamos dois professores que participaram da montagem, todo o processo de criação da política territorial. O professor Marcos Canielli, lá da Paraíba, fez um artigo, que está aqui no livro também. O professor Jeova Meireles e o professor Ronaldo, também que foi do curso de Ciências Sociais, fizeram um artigo sobre o trabalho deles nas comunidades indígenas. E aí tem um artigo das assessoras de gênero, gênero, é... comunidades tradicionais, isso e o pessoal da inclusão produtiva e o pessoal da gestão social. Então é muito importante, por isso que eu lhe pedi mais livros, porque para onde eu vou, que tem gente dos territórios, eu levo.

Marcos Paulo: Aline Sabino?

Osmar Fonteles: É, a Aline.

Marcos Paulo: Foi nossa aluna?



Osmar Fonteles: É. Ela também tem um artigo. Ela deu uma contribuição.

Marcos Paulo: Está terminando o doutorado em Antropologia no Rio de Janeiro.

Osmar Fonteles: Que legal, que legal. Então, assim, a gente ampliou um pouco do projeto com interações que podiam enriquecer o trabalho, sabe? E ela fez esse trabalho, na época ela trabalhava com o Ronaldo, não sei se era orientando o Ronaldo no curso, e entrou também aí nesse livro. E aí eu acho que você já estava na universidade, você participou do momento em que a gente fez a apresentação do relatório final do projeto, lançando o livro e o documentário Mãe Lagoa.

Marcos Paulo: Mais ao final, eu chego na metade de 2016, já estava...

Osmar Fonteles: É, mas aí você já estava no dia que a gente fez o... a prestação de contas com a sociedade do trabalho. E foi nesse dia que eu fui convidado para ser pro-reitor de extensão, que foi uma surpresa. Eu ia entregar, na época eu era diretor do Centro de Ciências Humanas, eu acumulava direção do centro, dar aula e coordenar esse projeto. Eu me desdobrava que só, né. E daí eu fui para a Pró-Reitoria de Extensão, que a gente continuou apoiando também outros projetos, não só dos territórios, que o projeto continuou, nós construímos uma relação muito boa com o Estado. E no momento em que o projeto acabou, quando o Temer entrou, com a queda da Dilma, com o golpe da Dilma, Então acabaram com a MDA, acabaram com tudo.

Marcos Paulo: Toda a política territorial...

Osmar Fonteles: Mas alguns estados que tinham essa governança de PT, Ceará, Bahia, continuaram com o projeto. Claro, sem recursos federais, mas com os próprios recursos deles. E a gente apoiou muito. Uma das áreas de atuação nossa na Pró-Reitoria de Extensão eram os territórios. A gente fazia muitos projetos, o pessoal, da DAS, o Cleber, acho que você conheceu o Cleber, no movimento lá de Sobral, o Cleber, o Eduardo Barbosa, Marco Castro... Enfim, continuou sendo uma linha de trabalho nossa na Pró-Reitoria de Extensão. E outra linha também de trabalho nossa era apoio à economia solidária, através do professor Chico Guedes. Foi o único momento que a incubadora se associou à extensão. A incubadora era como se fosse outra extensão. Ela não conversava com a Pró-Reitoria de Extensão, entende?

Marcos Paulo: Professor, o senhor, então, nós já estamos aí chegando, né?

Osmar Fonteles: Uhum.

Marcos Paulo: 2016, 2017, 2018...

Osmar Fonteles: É, é.

Marcos Paulo: ...também muitas transformações né?

Osmar Fonteles: Isso, perfeito...

Marcos Paulo: ... mudança do governo nacional no Brasil e o impacto muito negativo na política de território que foi totalmente desarticulado. Ela deixou frutos, mas houve uma descontinuidade terrível. Aí o senhor é convidado e se torna...

Marcos Paulo/Osmar Fonteles: Pró-Reitor de Extensão.

Marcos Paulo: É a primeira vez que tem um professor do curso de Ciências Sociais Pró-Reitor de Extensão?

Osmar Fonteles: É. O professor Benedito deu aula também no curso, mas o professor foi logo para a História. Ele não foi para a Pró-Reitoria quando era do curso.

Marcos Paulo: Sim.

Osmar Fonteles: Marcos, eu tenho quase certeza, mas vamos checar isso, tá?

Marcos Paulo: É, eu também tenho a impressão.

Osmar Fonteles: Vamos checar isso, mas eu tenho quase certeza que sim. Tenho quase certeza que sim. Eu sei que o Alencar foi Pró-Reitor de Graduação... E eu acho que só.

Marcos Paulo: É, acho que de extensão só foi uma.

Osmar Fonteles: Perfeito. Então, Marcos, e aí uma coisa também...

Marcos Paulo: Como é que foi, como é que estava a Pró-Reitoria? Que cara ela tinha? Que intervenções o senhor fez?

Osmar Fonteles: Tá. Quando eu encontrei a Pró-Reitoria de Extensão. Eu acho que era o professor Leonan Gomes. O professor Leonan era muito trabalhador, mas ele trabalhava no ensino. O foco dele era a formação de professores. Então, essas áreas mais dos movimentos sociais, da própria incubadora, é por isso que... é claro que você não vai dizer isso no seu texto, é por isso que a incubadora não conversava muito com a Pró-Reitoria, porque não tinha espaço para reconhecer o trabalho que ela fazia como extensão. Era um trabalho muito forte, mas, repito...

Marcos Paulo: O projeto anterior não era da área de ciências humanas.

Osmar Fonteles: Não era. Era da área de educação, professor Leonan, que também é da área das Ciências Humanas. Então, mas deixa eu dizer uma coisinha aqui, você vai puxando o que você acha necessário, só para concluir esse projeto. Quando vocês chegaram, eu criei uma expectativa muito grande com relação a vocês, porque me falaram muito bem, certo? Do Marcos, eu até perguntei, “será que eu posso ligar para o Marcos? O cara vai chegar aqui? Será que ele vai? Não, o cara é

legal, o cara é aberto.” Eu liguei para você. Mas aí, eu acho que por conta dos projetos que vocês traziam, quem entrou no projeto para dar uma (incompreendido) inicial foi o Rodrigo Mello e a Daniele Costa.

Marcos Paulo: Eu tava terminando o doutorado.

Osmar Fonteles: Ah, isso mesmo.

Marcos Paulo: Eu ainda viajava para assistir aula.

Osmar Fonteles: E o Jorge também.

Marcos Paulo: É (risos). Só fui defender em 18.

Osmar Fonteles: Então o Rodrigo deu uma contribuição enorme, porque nós fazíamos muito encontro com a juventude, sabe? E nos encontros com a juventude, o Rodrigo ia falar sobre conjuntura. O Rodrigo ia falar sobre formação política, sabe? E ele, daquele jeitão dele, integrava muito a moçada. Então, deu uma contribuição muito grande, o Rodrigo. E a Daniele também, sobretudo, quando a gente estava corrigindo os artigos para o livro, foram eles que ajudaram a corrigir os artigos. Tem o nome deles aqui, inclusive, no livro, tá? E aí, com essa entrada deles houve uma aproximação muito proveitosa. Não é? O NEDET pôde continuar. Entende? Pôde continuar. Até então ainda focado mesmo nos territórios rurais, que você é da área rural. O Marcos, o Jorge Luan, vinha lá da [pesquisa sobre] caça, que também era rural. E o Rodrigo se envolveu muito bem. A Daniele, que ela tinha essa paixão pelas bacias hidrográficas, pela questão das águas. Então, casou muito bem, sabe? E está aí o NEDET. Ficou. Ficou com vocês e pronto. E está aí o NEDET. Está indo em outros focos, em outras intervenções importantes.

Marcos Paulo: Agora está indo para a transição justa.

Osmar Fonteles: Transição justa, né?

Marcos Paulo: As transformações que consideram a questão ambiental e a questão social juntas, para que, ao fazer o enfrentamento das mudanças climáticas, você não pese nas costas de quem não contribuiu para o problema climático (risos).

Osmar Fonteles: Muito bem. Então, Marcos, você sabe que a universidade, o modelo de universidade que a gente tem, o modelo de gestão, é um modelo autoritário, é um modelo centralizado. E a extensão sempre foi uma área muito desprestigiada, né? Então era preciso que a gente tivesse coragem, sabe? E o Bendito Genésio me ajudou muito, porque quando ele foi pro-reitor, eu fui adjunto dele. Assim que ele chegou. E aí a gente conviveu muito até hoje, a gente aprendeu muito juntos. Nós tínhamos uma mesma linha de gestão, acompanhamos muito o pessoal do Encontro de Entidades Comunitárias (Enecon) que ele tinha lá no Camocim. Depois virou a Fenecon, que foi uma Federação. Esse era um trabalho de cooperação e assessoria a entidades comunitárias. Iniciamos esta experiência em 1984. Reunia em torno de 40 entidades, numa média

de 50 participantes em cada encontro. A Pastoral de Juventude do Meio Popular e o MEB Tianguá ajudava na assessoria. O CEAT dava apoio, juntamente com a Secretaria de Assistência Social do Estado e de Camocim. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim esteve sempre presente. Fazíamos encontros de dois dias, às vezes até mais tempo. Os temas versavam sobre educação e formação política, luta por melhores condições de vida, direitos, planejamento, avaliação. Os temas eram escolhidos pelos participantes do Movimento. A FENECON era composta por dois representantes de cada associação. Os encontros de 2 dias, foram 38 de 1994 a 2002. Os Encontros zonais foram, 53. Todo este material está catalogado no NEDIS. A experiência é pesquisada por várias pessoas, havendo uma tese da Profa. Vera Lúcia Silva. Foi outro movimento importante também de extensão que a universidade fez através do Benedito e nós, do curso de Ciências Sociais. Fomos para lá. Imagina você, o Fabianno, por exemplo. O Fabianno era um cara difícil de se trabalhar. Você conheceu o Fabianno? Difícil, difícil. A gente o que fazia mesmo era espremendo o que tivesse para fazer as coisas. E mesmo assim a gente conseguia fazer alguma coisa da área de cultura. Funcionou relativamente bem, porque a gente já tinha um grupo, né. Ele não aceitava muitos nomes que a gente queria, ele não aceitava, enfim. Mas a gente fazia, Marcos, as coisas. Quer dizer, eu estou falando da questão da UVA, Mas, depois de 2014, também foi muito duro com o Estado Nacional. No âmbito estadual, no Ceará, foi menos duro porque a gente tinha relação com a secretaria de SDA, Secretaria de Desenvolvimento Agrário, e a própria Secretaria de Educação e outras secretarias também que a gente tinha relação boa, mas, em nível federal, foi uma morte, que até hoje os territórios não conseguiram voltar nem após a nomeação do ministro Paulo Teixeira no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O pessoal do Governo do Estado voltou a fazer, inclusive as conferências dos Conselhos de Desenvolvimento Rural, mas sem recurso. Me chamaram uma vez para fazer uma fala lá, eu fui, sem cobrar, claro. Depois me convidaram para ajudar aqui no movimento das conferências também. Eu ia por minha conta... Porque não tinha, não tinha dinheiro e até hoje não tem.

Marcos Paulo: O financiamento da política territorial não voltou.

Osmar Fonteles: Não voltou.

Marcos Paulo: É outra coisa para a gente pensar também, nos processos de reconstrução, as reconstruções também às vezes são demoradas, problemáticas, enfim. Mas focando no campo da Pró-Reitoria de Extensão, pensar um pouco também porque a Pró-Reitoria foi, digamos assim, um momento de praticamente finalização da trajetória do professor Osmar, digamos assim, como professor efetivo.

Osmar Fonteles: Isso mesmo.

Marcos Paulo: Foi breve a sua aposentadoria, mas foi uma experiência, digamos assim, marcante, porque reposicionou a Pró-Reitoria de Extensão dentro da universidade, ela se tornou mais visível, ela se tornou mais importante, né? E aí eu queria que o senhor falasse um pouco quais foram as frentes que o senhor abriu dentro da Pró-Reitoria.

Osmar Fonteles: Então, veja só, eu considero quatro frentes que algumas já existiam, que a gente reforçou e outras que a gente criou, por exemplo, esse projeto cultural. Era um projeto que já existia, com o Pedro, que era uma pessoa contratada e tinha uma relação muito boa com a Secretaria de Cultura. Ficou pouco tempo, mas a gente conseguiu trabalhar com parceria com a Secretaria de Cultura do município, Secretaria de Cultura do estado, nós participamos de editais. Então, a gente fazia movimento. Então, essa foi uma frente. E aí eu tive muito apoio do professor Luiz, da geografia, que foi meu adjunto. Depois, a professora Rebeca entrou como coordenadora de extensão. Eu tive uns probleminhas, porque eu sou muito cri-cri por onde eu vou para fazer gestão, sabe Marcos? Porque eu não concordo com alguém que vá para ficar e não fique. Então, eu tive problema com algumas pessoas com relação a isso, porque eu passei a cobrar, tipo ações com resultados importantes ao trabalho, mas a gente precisa, usando a palavra da moda, precisa entregar. Precisa entregar à sociedade. Nós não estamos aqui apenas para ter um cargo e as coisas não acontecerem. Não, não é assim. Então, esse trabalho, essa frente continua. Nós encontramos uma experiência do Prevest, que também nós demos continuidade, potencializando. O próprio professor Luís Antônio coordenava esse projeto e a gente tinha todo aquele processo de seleção e tínhamos resultados muito bons com alunos aprovados em vários cursos. Então isso também já tinha, a gente só potencializou. Outro projeto que também já tinha, era aquele projeto Ritmize, que o pessoal dançava lá em frente, que era o pessoal da Educação Física. E a gente chamava também outras pessoas para participar. E era um movimento muito importante. Uma vez nós fizemos um encontro com os indígenas, que veio gente do Pará, veio gente do... do Maranhão, de vários lugares. Isso foi como apoio da Secretaria de Cultura do Estado também. Então, essa frente também foi importante. E, assim, eu prezo muito pela gestão participativa. Então, nós potencializamos o Fórum de Extensão, que já existia mas estava meio desarticulado, sem efetividade. Então, nós recriamos o Fórum de Extensão. Cada curso tinha um representante. Então, as ações também eram discutidas com os professores, representando cada curso, e daí nascia o nosso planejamento, que eu chamo de gestão participativa. E também uma coisa que facilitou a nossa visibilidade é que nós estávamos passando pela curricularização da extensão. Queira ou não, tinha que ter extensão, entende? Então, o Fórum de Curricularização também, com a professora Adriana Campani, deu uma força enorme, porque ela já dava essa assessoria e ela ficou mais próxima da gente, porque a gente fazia encontros permanentes com o fórum também de curricularização. Eu diria, Marcos, que foram essas as frentes que a gente criou. Criar mesmo foi essa relação com a sociedade a partir dos territórios, com a economia solidária e potencializou o que já existia, com feiras e com essa questão do projeto Ritmize. O professor Marcel passou a coordenar... Era isso. E aí foi o tempo que eu pensei em me aposentar e foi o tempo que eu tive que parar para fazer o doutorado. E aí eu me afastei, eu fiquei acho que com dois anos na extensão. Aí fui fazer o doutorado, mas ainda continuei na extensão. Mas saí e pegou a pandemia, eu continuei estudando e pronto. Foi por aí que eu concluí formalmente, institucionalmente, o meu trabalho na extensão.

Marcos Paulo: Professor, e aí o senhor, no contexto, digamos assim, da finalização desse tempo de trabalho institucional, o senhor elabora a sua tese de doutorado.

Osmar Fonteles: Sim.

Marcos Paulo: E aí eu queria que a gente fizesse aqui o capítulo final dessa entrevista com uma exposição sobre a sua tese de doutorado, que me honrou muito ter sido da sua banca, ainda se tornou um livro que está sendo conhecido agora.

Osmar Fonteles: Bom, eu nem pensava mais em fazer doutorado, sabe? Eu queria, mas achava que não dava mais. Mas aí apareceu esse DINTER, esse doutorado interinstitucional, da UVA com a Universidade Federal de Pelotas e eu descobri que o pessoal de Pelotas era muito sério. Até porque eles estavam em uma avaliação muito boa com a CAPES e CNPQ, né. A avaliação dele era muito boa. Desculpa, eles não foram fazer um projeto com a UVA pra fazer de conta, né? Que é o nome deles, né? É o nome deles. E aí eu acabei entrando com um projeto. Inicialmente eu pensei em fazer educação no turismo, porque como o doutorado era educação, eu entrei lá achando ainda que a minha orientadora estava nas caixinhas. Disse, bom, eu tenho que empurrar a educação nesse doutorado. Como é que eu vou fazer um projeto de doutorado em educação se não tem educação? Cara, eu me esborachei para ler educação e turismo. E eu encontrei muita coisa, sabe? Elaborei o projeto, fui aprovado, até porque também tinha pouca gente, só três ou quatro pessoas não passaram. E aí, Marcos, quando eu tive a bela e boa surpresa de encontrar uma orientadora que desmontou e depois, remontamos o projeto numa perspectiva que eu nunca pensei que fosse possível. A primeira conversa que eu tive com a orientadora, professora Dra. Denise Bussoletti, foi online, né. E ela disse, “Olha, você topa trabalhar com narração?” Eu disse, “Topo, sim, isso eu adoro, eu quero muito conversar com moradores de Jericoacoara e tal”. Aí pronto, mas quando eu cheguei lá... eu quis retomar o trabalho com Jericoacoara, sabe? Agora, numa outra perspectiva. Não mais como gestor, não mais como morador, não mais como visitante, mas como alguém que tem uma história misturada com a história dos moradores de lá. E foi interessante, Marcos, porque o pessoal da comunidade me reconheceu como morador nativo. Quando eu fui fazer o lançamento do livro, que é fruto da tese, o primeiro lançamento que eu fiz foi lá. Então, eu chamei o conselho comunitário, e o conselho comunitário chamou a comunidade, fez uma parte cultural, foi linda, as meninas, tinha umas oito ou dez meninas que leram parte do livro, sabe? Então, foi uma coisa bem bacana. E agora, no encontro Povos do Mar, que eu fui fazer uma fala nesse encontro, numa roda de conversa com moradores nativos, a líder, a presidente do Conselho Comunitário, Luzimar, que é uma moradora nativa, ela me disse, olha, eu chamei, eu convidei o professor Osmar e a professora Nena, porque não moram aqui, mas são reconhecidos por nós como moradores nativos, porque toda a vida deles tem relação com a comunidade. Eu disse pronto, então eu entrei na tribo de verdade agora. Então, assim, eu pensei nessa pegada. E aí me veio assim, olha, o Rota das Emoções é um projeto criado pelo governo Lula, no começo do governo dele, para integrar as populações mais pobres da Rota das Emoções, que é composta pelos territórios de Maranhão com o Lençóis Maranhense, Piauí com o Delta do Parnaíba e Jericoacoara com o Parque Nacional. Então, a ideia era essa, do Governo Federal. Vamos criar a Rota das Emoções, potencializando as comunidades dessas regiões, porque foi feita uma pesquisa e detectada que o menor índice de desenvolvimento humano do Brasil estava nessas regiões. Então, como é que você tem uma região com potencialidade? Não só potencialidade, mas com projetos turísticos que enriquecem muita gente e as populações locais são as mais pobres?

Marcos Paulo: Os lençóis maranhenses...

Osmar Fonteles: Delta do Parnaíba e Jericoacoara. Maranhão, Piauí e Ceará. Estamos falando de comunidades do entorno das unidades de conservação. E aí esse roteiro, Marco, era um dos roteiros mais divulgados pelo Ministério do Turismo fora do Brasil. Tá certo? Bom, deixa eu ver como é que esse roteiro conversa com a população. Quando eu comecei a conversar com as pessoas, que só foram seis, nenhuma sabia o que era a Rota das Emoções. Inclusive, uma das pessoas já tinha sido até secretário de turismo, não, secretário de pesca do município, que é morador nativo. Já tinha sido vereador do município e não sabia o que era a Rota das Emoções. Então, essa rota não conversa com o morador nativo, né? Bom, não conversa com o morador nativo, mas tem a sua própria rota. E aí eu comecei a fazer as entrevistas com eles, livre, né? E pedi para eles falarem da sua história de vida, mas com as suas emoções, pautada nessa emoção. E eles contavam o que pra eles era emoção. E que tipos de emoção, boa e ruim, eles tinham tido. E daí nós trazemos uma rota não reta, mas uma rota com muitas curvas, uma rota real, a partir de toda uma mística que eles têm sobre as pedras, de Jericoacoara, sabe? Sobre o encantamento da princesa, sobre o encantamento do gritador.

Marcos Paulo: A princesa que aparece e desaparece.

Osmar Fonteles: E que namora um príncipe. E uma das mulheres que entrevistei disse que tem um príncipe. Ela é viúva. Ela disse que tem um príncipe. É o príncipe Pedro Olympio. Está escrito no livro. Pedro não sei o quê. Ele é o meu companheiro. E ele anda comigo para onde eu vou. Quando eu vou para um lugar bom, ele vai comigo e entra. Por exemplo, quando eu vou para a igreja, ele vai comigo e entra. Quando eu vou para um lugar que não é muito bom, ele vai, mas não entra. E ela fala isso como uma verdade que ela tem, sabe?

Marcos Paulo: Então essa é a Rota das Emoções.

Osmar Fonteles: é a Rota das Emoções dos moradores.

Marcos Paulo: Dos moradores.

Osmar Fonteles: E aí eu fiz toda uma interlocução com o João Cabral de Melo Neto. O João Cabral de Melo Neto é um dos poetas que a base dele é a pobreza. São as populações marginalizadas. E aí... As pessoas que eu vi em Jericoacoara, relativizando a pobreza, elas foram expulsas do seu mundo, do seu território físico e social. Algumas ainda estão lá, mas muitas não estão. E aí elas foram para a periferia, ou da Vila ou fora da Vila. Então João Cabral me guiou, como Belchior me guiou também com as suas canções, e a Marilena Felinto, com as mulheres do Tejuco Papo, que ela trabalhou só com mulheres, e com o Ítalo Calvino, com as Cidades Invisíveis. Então isso fundamentou o meu trabalho.

Marcos Paulo: E o Walter...

Osmar Fonteles: E o Walter Benjamin, a toda hora, que me conduziu a narrativa, me conduziu a essa história mesmo, de como trabalhar a memória e narração. E aí é isso, nasceu o trabalho, minha orientadora me guiou por esse caminho, que foi muito difícil para mim, mas também muito valioso. Ela disse, “Osmar, nós vamos ter que trabalhar com poesia”. Eu disse, “mas eu não sou poeta,

mulher.” Mas vai ser. Tá bom, se tu vai dizer que eu vou ser, tu vai me ajudar a ser. E aí nós construímos o trabalho da melhor forma que eu pude fazer, com todo o esforço que eu tive, e dela também, do nosso grupo de pesquisa, que é o GIPNALS – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade. Uma coisa, sei lá, mas que é bem grande. E aí, Marcos, nasceu esse trabalho, né? E quando eu fiz a pesquisa, duas coisinhas a mais que eu quero registrar nisso. O trabalho foge às caixinhas da BNTM, sabe? Não é que a gente não considere. Mas ele não está lá dizendo o que é o lugar de cada coisa, né? Não está lá dizendo que agora é o referencial teórico, agora é a hipótese...

Marcos Paulo: Agora tem, está tudo aqui, mas...

Osmar Fonteles: Exatamente. É a metodologia, fundamentada em Walter Benjamin. Enfim, mas está tudo aí. Tanto é que o Pedrinho Guareschi já reconheceu, né? Ele disse que foi difícil, no começo, entender, não foi? E duvidava que eu fizesse uma defesa, né? E fez a defesa, ele adorou, e está aí... Então essa é uma coisa interessante e enriquecedora para mim.

Marcos Paulo: Página 71. Eu gostei muito desse trecho, eu lembro. A escrita compreendida como escritura neste livro. Adoro essa frase.

Osmar Fonteles: Pois é, né, rapaz?

Marcos Paulo: Busca trazer à tona parte das experiências de vida minhas e de Outros. Não há negação de que o autor também é parte.

Osmar Fonteles: Perfeito. E o Outro está com o maiúsculo, né?

Marcos Paulo: Tá, sempre maiúsculo.

Osmar Fonteles: Eu sempre escrevo o Outro. Porque eu me refiro à educação, à pedagogia do Outro. Eu acho que é a pedagogia do Outro, Outros Sujeitos, Outras Pedagogias, de Arroyo.

Marcos Paulo: Procuro também não só o olhar e compreender o passado a partir das memórias dos Outros que o viveram, mas ao narrar, instituir a possibilidade de transformação destas memórias em uma escritura. Porque escritura é uma palavra coringa, porque é escritura no sentido de que é feitura da escrita, mas também escritura é algo institucional, instituído. Então, eu achei um termo, uma escolha ótima. Uma escritura que permita, acima de tudo, valorizar a experiência de vida da comunidade e de seus sujeitos, como autores de sua história e de seus destinos. Muito interessante...

Osmar Fonteles: Então, mas é isso, cara. E a comunidade me reconhece por essas interações. Adorou o livro. Interessante. Foi lá e participou e comprou o livro. Eu doeí. Doeí lá, doeí mais do que vendi. Eu vendi para os empresários. O pessoal que participou, cada um recebeu o seu exemplar, o conselho e tal. E é isso.

Marcos Paulo: É isso mesmo, professor então...

Osmar Fonteles: Agora sim, eu fico à disposição para alguma coisa que você quiser, com relação à experiência com a extensão, alguma outra coisa que você achou que não sei se contribui com o que você pensa, mas é o que eu sei, o que eu vivi no Curso de Ciências Sociais da UVA.

